PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

De todos os países da América do Sul, o Brasil foi o único, no final do século, daqueles que se tornaram independentes, a viver sob o regime monárquico.

O fato explica-se por não ter havido uma ruptura político-militar.

A proclamação da República no Brasil, acha-se indissoluvelmente associada a mudanças sociais, que se vinham processando desde a guerra com o Paraguai e em particular, a abolição da escravatura, que lançou na oposição ao regime os proprietários de terras.

A transformação da monarquia em República, foi mais uma conseqüência das mudanças sociais e econômicas efetuadas em nosso país.

As idéias republicanas vicejaram entre nós desde o período colonial, vindo a concretizar-se em 1889, estimuladas por uma série de mudanças. Podem ser citados como fatores efetivos os meios de transporte (as ferrovias e os barcos a Vapor), o início da industrialização do país e o incremento da população urbana. Outro processo decisivo, para esta transformação política, foi a fundação no Rio de Janeiro do Partido Republicano. Seu manifesto, publicado em 1870, teve profunda repercussão em São Paulo, resultando na famosa convenção Republicana de 1873, realizada em Itu. Esta convenção foi o primeiro passo decisivo para a criação do Partido Republicano Paulista. Em conseqüência direta deste Partido, a idéia republicana se propagou por todo o país, surgindo clubes e jornais interessados em difundir estes princípios.

O povo, influenciado pela intensiva propaganda republicana, feita por vultos preeminentes de nossa Pátria, como Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo, Saldanha Marinho, Benjamin Constant, Silva Jardim, Prudente de Morais e outros, almejava intensamente um governo republicano, eleito por todos os brasileiros.

Os chefes republicanos, desde 1887, anteviam a possibilidade de recorrer ao Exército, para que por seu intermédio a monarquia fosse derrubada.

Dentre as razões fundamentais, de descontentamento com o governo imperial, deve ser colocado em primeiro plano os atos arbitrários e injustos do ministério contra militares dignos e honrados. D. Pedro II, apesar de sua probidade e espírito de justiça, já idoso e alquebrado pelas responsabilidades administrativas, não teve firmeza para extinguir o foco de descontentamento. O resultado imediato foi, que as próprias forças armadas, que estavam ao lado do governo, uniram-se à causa republicana.

O visconde de ouro Preto, que assumiu o Ministério em junho de 1889, lutou denodadamente para que a monarquia fosse preservada.

Com este objetivo em vista, empreendeu uma série de reformas, tais como: a liberdade de culto, criação do Código Civil, autonomia para municípios.

Apesar destas suas boas intenções, as crises não foram superadas, e membros do Partido Republicano de São Paulo e do Rio queriam, que os militares se pusessem à frente de um movimento contra o governo.

Quatro dias antes da proclamação da república, Benjamin Constant, Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, Francisco Glicério e Aristides Lobo procuraram o Marechal Deodoro da Fonseca, a fim de convencê-lo a participar de uma conspiração contra a monarquia.

Deodoro, diante da amizade que o unia a D. Pedro II, titubeou, por achar que era um ato de traição. Mesmo diante da sua resistência, os conspiradores prosseguiram em seu plano de golpe contra a monarquia, que seria desfechado no dia 20.

Devido a alguns boatos, de que líderes do movimento tinham sido presos, o 1º Regimento colocou-se em rebeldia contra o governo.

Benjamin Constant, apoiado pelas tropas do Quartel de São Cristóvão, foi à procura de Deodoro, que embora adoentado colocou-se à frente dos rebeldes.

Fato curioso deve ser citado a esta altura dos acontecimentos. Quando os soldados liderados por Deodoro, diante do quartel-general, as forças do governo, chegaram estacionadas no pátio, não se opuseram à entrada de Deodoro. Uma atitude inusitada foi observada, pois, ao ele descer do cavalo para adentrar o edifício, os soldados que ali estavam para combatê-lo, não lhe embargaram os passos, antes apresentaram-lhe continência e o aplaudiram.

Firmemente Deodoro subiu as escadas, apresentando-se perante os ministros para comunicar-lhes o término do governo imperial.

Ato contínuo, dirige-se a uma janela, agita no ar o seu quepe de marechal e com todo o entusiasmo profere a inesquecível frase:

- *"Viva a República!"* -

No mesmo dia, o primeiro decreto do governo provisório dos Estados Unidos do Brasil, proclamava a República federativa, como forma de governo e a transformação das províncias em Estados.

O movimento foi uma conjugação de forças, do Exército, dos fazendeiros do oeste paulista e dos representantes das camadas médias urbanas.

Seu sucesso deveu-se em parte ao enfraquecimento das oligarquias tradicionais e ao desprestígio da monarquia.

O Ministério da República, que já estava escolhido desde o dia 11 de novembro, é estabelecido no mesmo dia 15, posse do governo provisório, chefiado por Deodoro da Fonseca, inegavelmente o líder indiscutível do movimento. Faziam parte do Ministério: Campos Sales, ministro da Justiça; Aristides Lobo, do interior; Rui Barbosa, da Fazenda; Benjamin Constant, da Guerra; Eduardo Wanderkolk, da Marinha; Quintino Bocaiúva, das Relações Exteriores; e Demétrio Ribeiro, Agricultura, Comércio e obras Públicas. O líder inconteste deste ministério, inegavelmente, foi a preeminente figura de Rui Barbosa.

A Proclamação da República, é aceita pela maioria dos estados brasileiros, de uma maneira pacífica; apenas havendo alguma contestação, no Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco.

**D. Pedro II e a República**

A notícia da proclamação da República chegou a D. Pedro, às 11:00 horas, do dia 16. Ele saiu de Petrópolis e dirigiu-se para o Rio de Janeiro, juntamente com a família. Ali chegando, recebe através do Major Solon Ribeiro o seguinte documento:

"Os sentimentos democráticos da nação há muito preparados, hão agora despertados. Obedecendo pois, às exigências do voto nacional, com todo respeito à dignidade das funções públicas que acabais de exercer, somos forçados a notificar-vos que o Governo Provisório espera do vosso Patriotismo o sacrifício de deixardes o território brasileiro, com vossa família, no mais breve prazo possível".

Assinado - Marechal Deodoro da Fonseca.

No dia 7 de novembro, D. Pedro e sua família embarcaram para Portugal, deixando para sempre o Brasil.

Jovem amigo, a grande Pátria Brasileira ainda continua confiando na sua lealdade e força, para a realização dos seus majestosos projetos para o futuro.

Mocidade brasileira, lute com fé e coragem pela vitória dos ideais arquitetados através dos anos pelos que tornaram o Brasil independente da pátria lusa, em 1822, e em 15 de novembro de 1883 deram-lhe uma forma de governo mais condizente com a evolução social, política, econômica e religiosa do nosso mundo.

Para isto é necessário, que você molhe com o seu suor o solo abençoado do nosso torrão, já regado com o sangue dos que deram a vida pela nossa liberdade. Plante o nosso solo com as sementes benditas do labor honesto, para que vejamos amadurecer sazonados frutos de glória e honra para a grandeza da Pátria, mas sobretudo para honra e glória de Deus.

Esqueça-se um pouco do conforto da civilização, e lembre-se de que pelos sertões brasileiros à fora, há milhares de brasileiros precisando da nossa compreensão e apoio.

Os líderes de nossa pátria têm colocado a sua esperança nos jovens, porque eles são idealistas e fortes, por isso vocês não podem traí-los.

Jovens brasileiros, trabalhemos pelo engrandecimento do Brasil, lutemos pelo seu progresso e bem-estar social. Não olvidemos jamais a legenda da nossa bandeira.

Leiamo-la mais uma vez para pautarmos a nossa vida por este lema tão sublime: Ordem e Progresso.